

Bom dia senhoras e senhores:

Está no ar o nosso telejornal e trazemos notícias históricas.

No final do século XIX e início do século XX, muitos povos migraram para o Brasil. Vieram para cá Japoneses, Italianos, Alemães, Espanhóis, Árabes, Portugueses (além dos que aqui já se achavam), e também poloneses.

Nessa época, acontecia a Primeira Guerra Mundial, muitos países entraram em crise e a solução para muitos era deixar sua pátria.

No Brasil, o Governo começou uma propaganda chamando imigrantes para trabalhar nas lavouras e no processo de industrialização que estava começando, vamos entrevistar um desses imigrantes, o senhor Ignácio Picaso, filho de imigrantes espanhóis que trabalharam na Indústria Têxtil, contribuindo para o progresso do processo de industrialização no Brasil.

Memórias do Trabalho - História das Profissões em Extinção

Fiando o fio

História de [Ignácio Picaso](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 12/04/2005

P - Começamos o depoimento com a sua identificação, o seu nome completo, o lugar onde nasceu e a data.

R - Meu nome é Ignácio Picaso, nasci na cidade de Óleo, em 20 de maio de 1915.

P - Fica onde?

R - Óleo fica onde? Fica na Alta Sorocabana, vizinha da cidade chamada Manduri.

P - E o seus pais, quais os nomes deles e as origens.

R - O meu pai, o nome dele era Antônio Picaso. Mas e minha mãe Encarnación Salmora Mechand, ambos da Espanha, nascidos na Espanha.

P - Eles vieram para o Brasil quando? Por que motivo?

R - Geralmente a informação que a gente tem depois de adulto é que eles vieram da Espanha quando vieram muitos imigrantes, portugueses, italianos. Então naquela ocasião eles vinham como imigrantes para cá e vinham aqui em São Paulo. E os fazendeiros vinham aqui e escolhiam os colonos que interessava as famílias e levavam para as fazendas para tratar de café, pé de café.

P - Sabe quando eles vieram?

R - Bom, aí eu não tenho a informação correta, sei que vieram jovens, casaram-se aqui no Brasil.

P - E depois que se casaram então trabalharam na lavoura, café provavelmente?

R - Um grande tempo eles trabalharam de colono no cafezal para os fazendeiros e depois aos poucos eles iam vindo para a cidade. Inclusive meu pai teve uma temporada lá mesmo no Interior, ele trabalhou na Estrada de Ferro Sorocabana, naquelas turmas de conserva de linha de trem. Depois de lá então, veio para Sorocaba. Ele, o pai dele, os irmãos dele, eram três irmãos só.

P - Lembra da cidade onde nasceu? Ficou lá pouco tempo?

R - A cidade que eu nasci eu fui conhecer ela depois de 60 anos porque verdadeiramente por informação dos meus pais eu acho que eu nasci embaixo de um pé de café. (risos) E na cidade de Óleo morava meus avô por parte da minha mãe. Então eles mandavam um telegrama lá para Óleo para me registrarem lá. Inclusive eles me registraram com sete dias de atraso, eu nasci dia 13 de maio e fui registrado dia 20 de maio.

P - Cresceu em Sorocaba?

R - Sim, em Sorocaba a gente veio lá mais ou menos eu tinha uns 3, 3 anos e meio mais ou menos. E lá o meu pai alugou um cômodo e cozinha e depois comprou um terreno a prestação, fez um cômodo e uma cozinha e nós mudamos para uma casa própria, eu e mais uma irmã que viemos daquela tal de Sorocabana. Já na cidade de Sorocaba nasceram mais quatro. Ali mais ou menos quando eu tinha 7 anos mais ou menos de idade eu entrei para um grupo chamado Grupo Senador Vergueiro para aprender ler e escrever. Eu me lembro que quando a gente faltava numa aula o diretor da escola mandava o empregado na casa do aluno porque que ele não foi na aula, naquele tempo. Mas mesmo assim eu me lembro que quando tinha 9 anos, como as despesas eram demasiadas para o meu pai, precisava ajudar, eu entrei trabalhar numa fábrica vizinha quase aí chamada Fábrica Santa Maria, fábrica de tecidos, fiação e tecelagem. Mas eu trabalhei apenas dois meses lá porque a água da indústria lá que eu tomava deu aquele tal de amarelão e precisaram me mandar para São Paulo aqui, tinha os meus tios de São Paulo, me trataram aqui na Santa Casa. Fiquei bom e voltei. Quando tinha 9 anos, aliás, 11 anos naquele tempo o delegado de polícia dava um atestado para o moleque trabalhar com 12 anos. E trabalhar como? Eu não tinha, tinha 11. Então o meu pai tinha um compadre dele que tinha um filho chamado Francisco Gimenez e tinha 12 anos, peguei a certidão do Francisco Gimenez, eu fui lá, o delegado autorizou e eu fui trabalhar com o nome de Francisco Gimenez. Passado algum tempo o verdadeiro Francisco Gimenez também foi trabalhar na Votorantim, lá mesmo. É só rindo mesmo. E para não confundir na folha de pagamento eu era Francisco Gimenez e ele era Francisco Gimenez Gimenez, duas vezes. Eu ria porque naturalmente era uma coisa até engraçada. Será que o escritório não viu que Francisco Gimenez era filho do mesmo pai e da mesma mãe, no mesmo dia? E assim eu trabalhei até 1933 com esse nome. Em 33 saiu a carteira profissional. Aí eu fiz a carteira profissional com o nome certo e fui na gerência lá, no escritório e contei a história. Eles marcaram tudo direitinho. Assim eu

trabalhei na Votorantim de 1924 a 1934, 10 anos sem sair. Saí de lá, evidentemente como eu não pude completar o curso primário que eu não tinha diploma de curso primário mas como eu trabalhava de manhã, à noite eu ia num Grupo do governo do Estado para estudar o que me faltava, um pouco de português e um pouquinho de matemática. Foi onde eu aprendi muito. E na indústria Votorantim evidentemente quando eu entrei lá eu era varredor na fiação, chapeuzinho de pano, eu me lembro que o salário era mil-- réis, era 75 réis por hora. Depois através dos anos a gente subiu para ser tirador de espula, precisava ganhar um pouquinho mais.

P - O que é tirador de espula?

R - É justamente o cidadão que está no rinque, onde fica o fio, tira a espula cheia e põe a vazia. Então é uma equipe de quatro moleques, que tem uma quantidade de máquina grande, tem uma lata que você põe uma cinta assim e carrega ela e vai tirando a espula cheia e vai pondo a vazia.

P - O que é espula?

R - É a canilha onde enrola os fios, chama espula ou canilha, é um tipo de madeira, quando está fazendo uma estiragem no rinque ela já sai enrolada porque depois passa pela meadeira, rocadeira, aquela coisa toda.

P - E o rinque?

R - O rinque é onde se faz tiragem.

P - É a área.

R - É a área justamente. Primeiramente vem o batedor depois vem a carda, depois vem maçarqueira grossa, maçarqueira fina, extrafina, aí vai para o rinque que faz umas rocas grandes, o fio sai grosso, depois vai afinando, fica que nem macarrão. Então quando vai para o rinque é que sai o fio de acordo com a titulação desejada. É muito importante, muito bonito verificar e fazer uma visita a uma indústria para ter conhecimento, porque a gente fica até alegre de ver. Aí evidentemente através do tempo eu passei para azeitador do rinque, fui subindo.

P - O que era a tarefa de azeitador?

R - Eu azeitava segunda-feira todos os mancais do rinque, tinha 22 máquinas e depois amarrava as cordinhas naquele tempo, hoje trabalha com fitas para não perder a torção, mas antigamente era com cordinha, cada fuso era uma cordinha. Então a gente tinha uma caixa de madeira com assento para não machucar o traseiro da gente e se tinha um fuso parado parava a máquina, se tinha um arco passava a cordinha, dava a laçada e cortava, dava a volta e virava a máquina e continuava, máquina por máquina. Isso eu fiz também, mais ou menos três, quatro anos. E aí naturalmente para melhorar, que a gente estava ficando mais adulto. Eu saía às 2 horas porque eu trabalhava das 5 às 2 e uma hora de

almoço, eu ia para a seção de tecelagem, fui aprender a trabalhar de tecelão. Eu ficava duas horas com os colegas que trabalhava à noite, das 2 às 10, aprendendo para passar, para ir melhorando porque o objetivo da gente é sempre melhorar financeiramente para poder viver mais folgado, porque assim mesmo era muito difícil, não era fácil não. Não se ganhava tanto assim não, se ganhava pouco.

P - Era muita criança na fábrica trabalhando com essa idade?

R - Ah, sim, não tem dúvida, porque a Votorantim era uma das maiores indústrias aqui do Estado e é até hoje. A Votorantim é uma indústria, a fundação dela parece que é 1896, faliu e um português chamado Antônio Pereira Inácio comprou, não sei como ele arrumou capital mas comprou. Inclusive esse cidadão poucas vezes alguém o via na fábrica ou passeando uma vez por ano porque ele era português, mas infelizmente ele sofria de uma doença que só rico podia estar no meio dos outros, no meio de pobres não estaria, os leprosos. Então vinha de Portugal e tal mas tinha dinheiro, então dificilmente via ele passar na Votorantim, quem dirigia era a equipe que ele organizou. Era uma indústria que não era quase igual à Matarazzo porque hoje ela tem tudo, era superior o tempo do velho, do velho Antônio Pereira Inácio. Agora a molecada existia porque nessa fábrica que era o rince era dividido em salas, fazia bem 2 ou 3 alqueires, a sala grande para chuchu, diversas salas porque era muito. E além dela tecer o tecido ela vendia também a matéria-prima, fios, para as outras indústrias, era muito grande, a molecada lá... Mais ou menos ela mantinha de operário, a indústria Votorantim na parte de tecidos, mais ou menos 2 mil empregados. Tanto que a indústria Votorantim ela tinha na Votorantim, que tem até hoje, duas vilas industriais que uma chama Barra Funda e a outra chama Chave. E tinha então a Estrada de Ferro Elétrica Votorantim que fazia de Votorantim a Paula Souza, em Sorocaba, que é 6 quilômetros e meio de estrada de ferro, do próprio Antônio Pereira Inácio, e é até hoje da Votorantim aquilo. E aquele tempo em que eu era moleque, eu me recordo, que esse trem funcionava com a Maria Fumaça ainda. E tinha algumas vezes que para... as vilas de Votorantim tinha dois, três de seis carros cada um, primeiro passava os carros das mulheres, depois passava simplesmente só homem, trabalhava naquele horário das 5 às 2, das 2 às 10, que ia de Sorocaba a Votorantim trabalhar. Quer dizer, esse trem saía de madrugada, 4 e meia de Paula Souza para a gente pegar para estar às 5 horas no serviço. Ele passava, existia nesse trecho de Paula Souza a Votorantim, existia Parada Pinheiros, Barcelona, Altura, Pedregulho e Parada do Alto e aí a Votorantim. Quer dizer, nessas paradas justamente que os operários moravam naqueles bairros perto dessas paradas para pegar esse trem para ir trabalhar. E também tinha um trem que passava 10 horas mais ou menos. que as mães da gente passava a bagagem para pôr as cestas com a comida para a gente almoçar quando chegava na Votorantim. Era muito bonito, dá saudade, viu, dá saudade mesmo, era duro mas dá saudade, porque molecada, sabe, que não vê as dificuldades, mas a gente sentia às vezes. Eu estava contando para Priscila que eu me recordo quando molecão eu costumava aos sábados à noite acompanhar um filme em série à noite no sábado, porque domingo eu era viciado em futebol, só jogava futebol. E às vezes eu sabia que a minha mãe tinha emprestado da vizinha 1 real, naquele tempo era 1 mil réis para eu ir para o cinema. Então não era muito fácil, mas dá saudade. Carne, eu me recordo de um caminhão que vendia carnes aos domingos, passava na rua, a 1 mil réis o quilo. Mas se vivia bem, não havia tanta violência, felizmente era aquela juventude que fez clube infantil, juvenil e foi indo

a gente participava de tudo isso aí, clubes. Inclusive, em 37 fui o goleiro do São Bento em Sorocaba, em 37. Só que eu pesava 54, 55 quilos não é esse barrigão com 80 anos. Mas era a vida de noite, a gente freqüentava o clube, também participava, jogava pingue-pongue, enfim a gente conhecia o ambiente muito bem, uma cidade civilizada, tinha grandes clubes, piscina, tinha tudo. Mas não era vida fácil não.

Entrevista na íntegra:

<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/fiando-o-fio-44981>